



# TRIBUNA LIVRE

7  
MARÇO  
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

## O Sentido da nossa Colaboração na Política

Por A. J. Costa

II

Foi desde o princípio intenção dos que periodicamente se tem reunido na Conferência da Imprensa examinar os problemas em atitude de estudo, submetê-los à apreciação de todos, confiar os impliquem preparação especial àqueles de nós que para tanto estejam indicados e, após um exame e aprovação geral, dar-lhes publicidade com o objectivo, ou de informar e instruir as massas leitoras, ou de solicitar para os mesmos a atenção e solicitude de quem possa ou tenha obrigação de resolvê-los.

Os nossos jornais, esse formidável meio ou instrumento que temos à mão, permitem-nos encontrar facilidades e possibilidades de eficiência na realização de qualquer dos dois objectivos: se queremos informar, esclarecer e instruir, ninguém o poderá fazer mais facilmente que nós; se queremos pedir soluções, temos a faculdade dos que falam em voz alta diante de todos, e na consequente certeza de que o rogado pode não aceder mas a sua recusa ou é explicada e justificada ou é passível de censura e condenação.

Assim continuaremos e, porventura, intensificaremos os nossos esforços e reuniões. Os trabalhos mais pertinentes e considerados de mais oportuno interesse vamos publicá-los.

Outros se seguirão depois, a tentarmos como que deixar resumidos em actas os nossos estudos e trabalhos dispersos em consecutivas reuniões.

\* \* \*

Entre os problemas que temos versado ou apenas referido e continuaremos a estudar, uns referem-se à vida nacional, outros dizem respeito mais directamente à nossa região e ao nosso distrito.

Alguns dos que têm carácter nacional e aqui são apenas referidos, pois cada um deles te-

rá de ocupar e preencher talvez mais que uma reunião, nós poderemos já deixá-los lembrados.

Sem cuidado de seriação ou enumeração ordenada por qualquer critério, podemos começar por chamar a atenção de quem pode e deve dispensá-la para a necessidade de uma ampla interferência e colaboração na vida pública de todos os portugueses que podem interferir e colaborar através do estudo e apresentação dos problemas, da sua crítica e exame na imprensa.

Parece que é simples atitude

«A Tribuna Livre» continua hoje a publicação de alguns trabalhos apresentados nas habituais reuniões da Imprensa Regional do Distrito.

Neste número, completamos a publicação de «O Sentido da nossa Colaboração na Política», do Dr. António José da Costa.

Vem, a seguir, nos próximos números, trabalhos do P.º Alberto da Rocha Martins, Dr. José Bernardino Amândio, Jerónimo de Castro, etc., etc. Ver, pois, os números seguintes de «Tribuna Livre».

Ver também o nosso último número.

de de honestidade reconhecer que ninguém pode arrogar-se o exclusivo da competência, ou mesmo a suficiência dessa mesma competência. Talvez, dentro da situação, se tenha abusado da afirmação de que «somos os melhores» ao ponto de criar a convicção de que não é pos-

Continua na 2.ª página

## Tribuna de Vieira do Minho

### Sobre a Misericórdia A. G. N. R. e as coisas de Vieira

O sr. Provedor da Misericórdia de Vieira do Minho publicou no Domingo passado, no jornal «Correio do Minho» uma carta aberta dirigida ao director deste semanário.

Temos de dar, antes de mais, um esclarecimento:

Nós não temos nada com o que se passa no Hospital de Vieira, como nada temos com o que se passa na vida interna de qualquer instituição. Quando nos meteram nas coisas políticas dessa terra, isso foi bem contra a nossa vontade.

Este jornal tinha publicado uma ligeira apreciação, menos de meia coluna, e fê-lo como quem pede, na forma do costume, as atenções dos responsáveis pelos problemas.

Vieram logo com uma esmagante carta, mal disfarçadamente ameaçadora e, para mais, invocando a lei da imprensa.

Ora, os jornais são obrigados à publicação das respostas dos que se julgam atingidos, mas não são obri-

(Continua na 5.ª página)

Surgiram pessoas, os costumados pescadores de águas turvas, a quererem desvirtuar o que dissemos e a pretender que, nas nossas afirmações, visamos a Guarda Nacional Republicana quando nos referimos ao que se passou com o Pároco do Mosteiro.

Só molêvolmente... Então não é verdade que todos sabem quem é que aí persegue o pároco? Que tem a G. N. R. com essas políticas?

Felizmente, é do conhecimento geral que a prestigiosa Corporação está, e sempre esteve, para cima das coisas e coisinhas de cada terra.

Mesmo que numa ou outra localidade e num ou outro caso, peçam à G. N. R. o cumprimento de mandados, ainda mesmo de mandados de captura, que responsabilidade pode vir daí para os agentes e os serviços dessa Força?

A responsabilidade é de quem pede e pode pedir tais diligências, se abusa do seu poder!

### Santa Casa da Misericórdia

Esta instituição recebeu, esta semana, mais um valioso doativo de um filho do concelho ausente, para as obras de sua sede, que continuam em bom ritmo.

Que o seu exemplo seja emitido para que se possa dar àquela benemérita Casa a amplitude de que carece.

\* \* \*

Começou esta semana a prestar serviço na mencionada instituição o distinto clínico dr. João Baptista de Sousa Fernandes, que ali estará todas as 3. as e 5. as feiras, das 14 às 16 horas.

## CARTAS DA CIDADE

Meu caro Manuel Pintor:

Vai para quatro ou cinco anos que deixamos de conversar através dos jornais. Sumiram-se as nossas cartas, não por falta de assunto, nem ainda por falta de tempo; a verdadeira razão, tu bem o sabes. De resto, nenhum de nós nasceu para gastar cera com ruínas defuntas, nenhum de nós se conforma com incensar cadáveres, que poderiam ressuscitar com medo da água-benta.

A casta dos intangíveis, dos intocáveis, é de todos os tempos e lugares. Quem tentar tocá-los ou tangê-los (salvo seja) sujeita-se a ser acoimado de indesejável, por traidor dos «bons princípios». A razão está sempre do lado de lá. Eles é que sabem, eles é

### Para Lisboa

Seguem, á manhã, para Lisboa, os snrs. Dr. António José da Costa, director deste jornal e João Barbosa de Macedo, que ali vão representar nos na reunião da Imprensa Regional, promovida pela S. N. I.

As sessões realizam-se nos dias 9, 10 e 11.

que fazem, eles é que são os verbos que pedem nomes predicativos dos sujeitos: ser, estar, continuar, permanecer...

Não julgues, porém, que me inscrevi na confraria dos botabaixo (esta não precisa de mais irmãos...). Não. Quem

Continua na 5.ª página

## As Festas do Concelho e a Santo António,

### e o Feriado Municipal

Por EME

Vimos há tempos mencionada numa notícia deste Semanário a Comissão encarregada, este ano, dos importantes festejos de Amares, que de ano para ano vão tomando foros de celebridade, a ponto de se tornarem, sem favor, os mais importantes do norte do País ao glorioso Santo Português, cuja popularidade e devoção se arregaçou na alma nacional, desde a mais humilde gente do povo aos mais opulentos senhores; e, desde logo, se nos afigurou serem homens capazes.

A afluência a estas Celebrações Antoninas, que sem interrupção se vem notando e, de uma maneira sintomática, a romagem de crentes de todas as condições sociais que vemos ajoelhar aos pés do Grande Taumaturgo nos dias da sua festa, são exemplo, bem

flagrante da maneira como se enraizou nos hábitos da população de Amares, dos concelhos circunvizinhos e até de todo o norte do País, o já tradicional Santo António de Amares.

Continua na 6.ª página

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

A meio do pavimento desta, gravada em uma pedra tumular de avantajadas proporções, e a letra de bom tamanho, tem a seguinte epígrafe:

ESTA SEPULTURA  
E CAP. A MANDOV FAZER  
D.º (Diogo) PEÇANHA S.ºR  
DESTA IGR. A A SEV  
F.º M. EL PEÇANHA FA  
LECEO NO ANO  
DE 1585.

Os Peçanhas procedem daquele célebre marinheiro genovês, Manuel Pezagno, que el-rei D. Dinis contratou e chamou ao seu serviço. Fê-lo almirante e encarregou-o de organizar a marinha portuguesa. Deu-lhe terras e houve muita descendência, mas é quase impossível identificar aqueles dois nomes, de pai e filho, nos nobiliários.

Parece que, ao tratar-se das obras de pavimentação

(Continua da 4.ª página)



# O Sentido da nossa Colaboração na política

Continuação da 1.ª página

sível haver erros e enganar do lado de cá e de que é sempre mau o que não é dito ou proposto sob chancela e cor situacionista.

O problema da liberdade de crítica tem sido, depois do acto eleitoral, objecto de considerações sérias em quase toda a imprensa.

Por nós, gostaríamos que se derrubasse enfim esse fantasma que parece estar sempre diante dos olhos de quem tem responsabilidades directivas e públicas, como se nós, os que queremos o reinado do direito e da justiça não soubéssemos também escrever, criticar, apontar a verdade e denunciar a mentira e o erro e como se os tribunais portugueses não soubessem distinguir a crítica da subversão e perversão das opiniões.

Este problema é tão importante que nós bem podemos — sem exagero — considerá-lo na base dos outros problemas públicos.

É que, perante um erro de acção ou uma solução má, o responsável poderá sempre, lá de cima, responder-me: — É tu que fizeste para evitar ou remediar esse erro ou essa solução?

Sintetizando, podemos dizer que o Governo tem uma forma de nos responsabilizar nos seus actos: deixá-los criticar.

\* \* \*

Um outro problema grave da nossa vida nacional, é o da necessidade de uma maior aproximação dos níveis de vida.

No funcionalismo, sejam professores, magistrados, servidores das secretarias, tribunais, câmaras, etc. há nos graus superiores os que ganham quinze, e vinte vezes, o vencimento do menor.

No comércio e na indústria, mesmo depois de descontar a parte respeitante à conservação, desenvolvimento, apetrechamento e fundo de reservas da empresa, isto é, considerando só os rendimentos pessoais consumíveis, verifica-se um desnível da ordem dos vinte, trinta, cinquenta, e mais vezes maior o de uns em relação ao de outros, conforme se trate do empresário, do proprietário, a passar pelo gerente, encarregado, etc. até ao operário ou ao simples jornaleiro.

Nas condições de habitação, o desnível vai do tugúrio ao requintado palácio de ouro, mármore e púrpuras. E, note-se, referimo-nos a habitações meramente particulares e não aos palácios públicos.

No sistema de vestuário temos desde o requinte e provocação do luxo até ao remendado, esfarrapado de «carolinas» nos pés e até ao descalço, sem querer aludir ao desgraçado que aparece em todos os países, mas referindo-nos só os que vestem como podem e quanto podem.

Na alimentação, e reportan-

do-nos só às condições normais de vida e hábitos familiares, temos o luto banquete e a mínima de pão.

É claro que não estamos aqui a fazer demagogia nem a revoltar ninguém. Muito menos a preconizar comunismo.

Nós só queremos pôr à consideração e à alma dos que tem responsabilidade estas possibilidades: por meio de ajustes, de tributação, de condicionalismo, de criação de novas espécies de crimes no Código Penal Português, conseguir mais aproximação entre os níveis de vida dos portugueses.

Há tempos, num jornal português, bem feito por sinal — o «Diário Ilustrado» — os que o lêem puderam saber que, no Estado de Israel, um Juiz do Supremo Tribunal de Justiça ganha apenas duas vezes e meia o vencimento do empregado da limpeza dos tribunais da 1.ª instância.

Eu não venho dizer que isso era possível nem sequer aconselhável entre nós. A necessidade da hierarquização dos valores sociais nuns estados mais que noutros impõe diferenças e escalas.

Eu só pergunto se este último interesse exige, entre nós, que um trabalhador, quase sempre com maior família, ganhe vinte, trinta e mais vezes menos que outro.

Muitas vezes, sob a cor e protexão de hierarquia social, esquecemos que somos todos pessoas humanas, que todos comemos, todos gostam e precisam de satisfazer necessidades. Não falemos na necessidade e interesse na subsistência e educação da família, porque esse ponto dói-nos como em carne viva.

Talvez que o dinheiro aplicado na dissolução e na viciação de uns fosse o suficiente para minorar a penúria de outros.

\* \* \*

Um ponto que nos preocupa nos nossos estudos e trabalhos é o da *honestidade e fidelidade nas funções* públicas, mormente nas que implicam direcção e mando.

Nós temos a sorte de termos um Chefe do Governo sério, recto, dedicado até à abnegação ao bem comum.

Mas se analisarmos, a partir desse estádio ou chefia para baixo, o que se passa na vida portuguesa, deparamos com o inadmissível, insuportável.

Muitas vezes, poucas semanas ou meses depois de uma nomeação, desde os mais altos postos até ao distrito, ao concelho, etc. deparam-se casos de manifesta incapacidade e outros até de falsificação dos objectivos e fins a prosseguir.

Quando vemos alguém, investido em funções de direcção e mando, num lugar em que foi colocado por confiança ou directa ou delegada do Presidente do Conselho, usar da sua posição para fins pessoais, para servir amigos, compadres ou afilhados, quando vemos esse alguém relegar valores e

chamar nulidades, algumas já comprovadas desde tempos antigos e há muito postas de parte por incapacidade, quando vemos nomear para um cargo uma pessoa que nem sequer faz ideia das funções que vai desempenhar, quando vemos levar ao gabinete daquele que — para usar expressão de Salazar, num dos últimos discursos — só sabe trabalhar à secretária, um problema ou uma situação que urge resolver ou remediar e vemos negar uma solução e um remédio só para continuar a servir clientelas, quando vemos isso, o menos que pode dizer-se é que estamos perante um traidor.

Um traidor ao Chefe do Governo. Um traidor à sociedade e aos interesses por que foi posto no lugar de mando, um traidor até aos que, superiores ou inferiores, tinham nele legítima expectativa.

Em política, governar ou exercer funções directivas e de mando é sinónimo de coragem e isenção. Quem não tem coragem de enfrentar o que só querem servir-se e empurrar a máquina, e quem, perante os casos concretos, não consegue ser isento de interesses alheios às funções, não as aceita.

Se as aceita, é traidor.

\* \* \*

Estes e tantos outros, são problemas que debateremos no domínio dos que interessam à Nação.

Dos que especialmente dizem respeito ao nosso distrito, temos-los de ordem política, de ordem social, económica, etc.

Quando à política temos de partir sempre da certeza de que é ponto prévio para todos os outros, já que os interesses públicos têm de ser prosseguidos por homens.

Há que fazer, no distrito, uma profunda reforma. Eu digo profunda porque tenho receio de empregar a palavra que se impõe — *total reforma* — incluindo na expressão ou no asserto a ideia de que, um ou outro elemento que tem tido capacidade para servir e se impôr, ou pelo menos para não atraiçoar, devem ser chamados a lugares mais altos, na escala dos cargos.

E isso é reformar.

Há necessidade de acabar com a escolha de cima para baixo à mercê de satisfação a clientelas.

Enquanto, quer no plano nacional, quer nos distritos, a política estiver entregue a incapazes, estamos sujeitos a ver toda a obra estremecer a qualquer abalo como o da última campanha.

Nós vimos que houve necessidade de mandar a força para as ruas, houve que disparar tiros, houve que dar aos elementos e agentes da subversão o doloroso espectáculo, por eles apetecido, de pôr armas na rua.

Houve que fazer detenções e juntar talvez nas mesmas celas, com os elementos comunistas e os subversivos, alguns

cidadões que, por temperamento e até por inteligência, podiam estar ao nosso lado, pois são nossos colegas de escola ou de profissão e todos sabemos que não são comunistas.

Houve necessidade de tudo isso e a razão é uma só e bem clara.

É que a política interior do País e consequentemente toda a política local tem andado à mercê de inábeis, incapazes, egoístas, desonestos, servidores aparentes e hipócritamente desinteressados mas sempre em busca de interesses pessoais, enfim traidores.

Os que sentem os erros da política no fundo da alma e não na carteira não podem consentir que isto continue assim.

\* \* \*

O problema económico de Braga e região é aflitivo. Alguns de nós cá disseram em letra de forma que deve ser o mais premente de todo o país.

A grande parte da população é agrícola e está tudo dito.

Nem assistência, nem previdência, nem abono de família, nem salários mínimos, nem possibilidades de os pagar, nem emprego para todos.

A indústria, salvo em três ou quatro centros, não existe.

O comércio, como actividade intermediária, sofre as consequências gerais.

\* \* \*

O problema social não é melhor. Os hábitos da nossa população, se fossem conhecidos envergonhariam a Nação.

A nossa gente não tem tendência para a organização, como fonte de solidariedade social, porque tem sido enganada.

Odeia a organização corporativa. Eu podia calar esta verdade. Mas que adiantamos?

Se, amanhã, dessem em qualquer dos nossos concelhos a notícia de que acabaram as casas do povo e os grêmios a nova seria recebida em festa. É ou não é triste? É sobretudo porque podemos perguntar: se a Casa do Povo ou o Grémio não defendem os seus, quem os há-de defender?

\* \* \*

Alguns dos problemas económicos e sociais de Braga dependem do condicionalismo geral e as soluções não poderão ser especiais para cá.

Há outros que interessava resolver em especial em favor desta pobre gente.

Os nossos jornais têm-se referido a eles.

O turismo, com soluções e casos concretos já apontados na imprensa, devia merecer uma atenção especialíssima.

A instalação de algumas indústrias é outra indicação já sugerida.

O auxílio substancial à lavoura é ponto que clama por atenção.

\* \* \*

Por estes e outros problemas, continuaremos a debater-nos.

\* \* \*

Para elucidar e ilustrar a afirmação de que o problema político geral e do distrito está na base e antes dos outros, eu vou terminar com dois exemplos.

Em certa altura, depois já de adiantado? o respectivo processo de instalação, foi resolvido retirar a Braga uma unidade das forças armadas que aqui devia aquartelar-se.

O caso causou enorme celeuma e reacção na cidade.

Consumado, porém, o facto, um político de Braga que pertence ao número dos raros que servem mesmo para servir, resolveu convocar uma reunião do comércio e entidades locais de destaque com o duplo objectivo de serenar os ânimos e organizar uma comissão representativa que fosse a Lisboa expôr ao Governo uma série de medidas que podiam e deviam ser tomadas em favor da região.

Pois sabem, meus senhores, o que se passou? Na reunião apareceu um político dos da «coutada bracara» a querer insinuar e pôr em dúvida o recto e elevado propósito daquele são político. E foi o suficiente para toldar todo o ambiente da reunião.

Quanto à ida a Lisboa nada foi possível organizar, porque os deputados, verificou-se que não tomavam parte na diligência e outros, ainda mais responsáveis talvez, negaram-se também.

Este quadro político diz tudo.

\* \* \*

Outro caso que serve para ilustrar o triste hábito de, no nosso País, tudo ser entregue aos últimos graus da hierarquia e tudo ser resolvido de cima para baixo.

Em certa altura, os jornais, aliás não só os de Braga como até os do Porto e creio que Lisboa, levantaram o seríssimo problema de não haver no nosso País uma Universidade Católica.

Todos apontaram como lugar mais indicado para ela a cidade de Braga.

Nós ouvimos vozes mais ou menos bem informadas anunciando reuniões, esforços, diligências e tudo indicava que, ao fim e ao cabo, íamos ter a tão necessária como desejada Universidade capaz de constituir um reduto de pensamento católico português, uma fonte de valores a lançar para a vida as elites que não temos — isto é que é a realidade — enfim uma cabeça e um cérebro activo, na ideologia do País.

Pois, a certa altura, soube-se que algém muito alto, com gravíssimas responsabilidades nas fileiras católicas conseguiu chamar a atenção dos poderes para o caso e convencê-los de que não deveria insistir-se na nossa pretensão, pois teria de ser fundada e já se pensava nela na capital.

(Continua na 6.ª página)



# TRIBUNA do CONCELHO

## Dr. Adolfo Pereira Vilela

Abandonou as suas funções, no passado dia 3, por ter atingido o limite de idade, o sr. dr. Adolfo Pereira Vilela, notário desta vila.

Há 37 anos que desempenhava funções públicas entre nós, primeiro como Conservador do Registo Civil e depois como notário, tendo exercido, cumulativamente, as funções de juiz municipal e de Subdelegado do M.º Público, além das de presidente da Câmara.

Natural de Esposende, vai agora residir na freguesia de Lanhas, do vizinho concelho de Vila Verde.

Mostrou-se sempre um funcionário zeloso e cumpridor, tratando em pé de igualdade todos os que necessitaram dos seus serviços. Competente, mostrou-se também e sempre da maior compreensão para com os funcionários que serviram sob as suas ordens.

Estimando-os, confiava na lealdade de todos e para com todos procedia sem nunca levantar agravo ou melindre.

Impôs-se para que lhe não fosse prestada qualquer homenagem pública de despedida e o último mês esteve de licença que passou na sua residência, em Braga.

No penúltimo dia das suas funções despediu-se dos funcionários, o que fez com a mais visível comoção, mostrando da saúde que leva e sendo alvo dos mais sinceros agradecimentos por parte dos funcionários que sempre tratou com a maior deferência.

Em verdade—e como lhe foi dito—é difícil encontrar, para quem serve, quem proceda com tanta lealdade.

## Origem e necessidade da Defesa Civil do Território

Como é do conhecimento de todos os estimados leitores, presentemente a agressão de uma povoação pode assumir muitos e variados aspectos, segundo a forma e modo como esse ataque for feito. Ora sabemos também que, como resultado dessa agressão, se verificarão imensos males, uns remediáveis outros irremediáveis, que se podem apresentar segundo os seguintes aspectos: incêndios, destruições de linhas férreas e vias de comunicação, cortes de gás e energia eléctrica, contaminações do tipo epidérmico, químico, radiológico, etc. Todos estes efeitos, que podem com certeza ser fruto nefasto de uma agressão, irão fazer com que haja perda de bens, mortos, feridos, doentes graves e, muitas vezes, provocar na população atingida uma grande desmoralização que quase sempre, em resumo, leva os acontecimentos ao caos. Perante tal situação, e precisamente aqueles que felizmente não pensam só em si, viram a necessidade premente de criar um antídoto, para evitar, ou pelo menos remediar e diminuir, os males e horrores a que as populações na rectaguarda da e sem qualquer meio de defesa, se encontram expostas. E foi precisamente assim e para evitar, não é bem o termo, mas para diminuir e remediar os males que dessa agressão possam advir, que se criou aquele organismo, que muito pouco conhecemos, mas que todos deviam conhecer e que é a D.C.T. E digo que todos deviam conhecer, porque reconhecer, e os estimados leitores virão também a ser da mesma opinião quando conhecerem um pouco da sua orgânica, que as suas vantagens

e benefícios, quer em tempo de guerra, quer em tempo de paz, são realmente inegáveis e de grande vulto. A D.C.T. ao contrário do que muita gente pensa, e porque pensa erradamente, não foi uma organização que se criou para combater com armas assim como o Exército ou a Legião Portuguesa, mas criou-se sómente para incutir nos povos, sob o signo de tais ataques, uma forte estrutura moral, um espírito disciplinar perfeito e uma organização treinada, elementos indispensáveis para se poder sobreviver a qualquer meio de agressão. Ao contrário da Defesa Militar, à qual incube, essencialmente travar a marcha invasora do inimigo, destruí-la ou expulsá-la, a D.C.T. está hoje e no futuro reservado papel importante, porque não só lhe cabe garantir a vida da Nação na retaguarda, permitindo assim a continuação da luta na frente de combate, como também em tempo de paz e em caso de emergência, como calamidade pública, acidentes graves, inundações ou qualquer outro acidente, actua em socorro das vítimas, promovendo as diligências necessárias, quer para a sua recuperação, quer para debelar a ocorrência que as atingir. Portanto, e agora que já sabe um pouco da origem e razão de ser da D.C.T., inscreva-se e colabore neste bem da Defesa Nacional, pois terá a certeza que não só aprenderá a defender-se, a si próprio, como também garantirá a defesa dos seus semelhantes, que infelizmente tão pouco têm quem pense neles.

O Instrutor Geral,

João M. F. Barbosa.

## Comemorações do XXV aniversário A.C.P.

### NOTICIÁRIO

—Todas as pessoas (filiação e simpatizantes da A.C. e suas famílias) que tomam parte na peregrinação nacional da Acção Católica a Fátima, a realizar em 4 e 5 de Abril, devem inscrever-se nas Secções paroquiais.

—A inscrição, ao preço de 6\$00, dá direito ao Manual de Peregrino, com o qual todos poderão participar nos actos de Fátima, e ainda ao emblema, faio e vela.

Esta será entregue na Cova da Iria, mediante a apresentação de um talão que irá colocado na capa do Manual.

—Rádio-Renascença transmite às quartas-feiras pelas 21, 15 hs., e aos sábados, pelas 19 horas, um programa especial sobre as comemorações jubilares da A.C.P.

—Os filiados da A.C.P. e pessoas de família que não possam tomar parte na Peregrinação, devem marcar a sua presença através de *velas simbólicas*, que serão oferecidas a Nossa Senhora. A inscrição para a vela simbólica faz-se também nas Secções paroquiais da Acção Católica, que por sua vez as transmitirão às direcções superiores.

—Para cada automóvel ou camioneta, devem as comissões organizadoras requisitar distícos de estacionamento nos parques do Santuário. O distíco para automóvel custa 10\$00 e distíco para camioneta 20\$00.

—Os peregrinos que desejam fazer a viagem de comboio poderão munir-se de bilhetes de «fim de semana», que beneficiam de descontos de 36% em 1ª classe e 20% em 2ª e 3ª classe. Estes bilhetes têm validade, para a ida, desde as 17 horas de sexta-feira e, para o regresso, até às 12 hs. de segunda-feira.

## Casa do Povo de Rendufe

À Casa do Povo de Rendufe foi conferido o prémio de 500\$00, no concurso de amadores de presépios, instituído pela F. N. A. T.

E' de salientar esta notícia, por ter vindo para o nosso Concelho um prémio muito disputado e que constitui honroso mérito para a Casa do Povo de Rendufe que desde há anos se tem distinguido com menções honrosas.

O concurso dado pela Casa do Povo de Rendufe a esta iniciativa da F. N. A. T. colocou-a em 2.º lugar para, certamente, atingir em anos próximos o 1.º prémio.

São estes o nossos votos.

## Caldelas

### Uma importante festa assinala a chegada de cinco novos sinos para a igreja matriz.

Caldelas, 26 — Realiza-se no próximo dia 8, uma interessante festa, em que tomam parte vários grupos folclóricos, tornando tocatas com cânticos regionais. Esta festa é feita como regozijo pela aquisição de cinco sinos novos que chegam nesse dia para a torre da igreja matriz, cujo preço foi de cerca de cinquenta contos.

Reina grande alegria e animação, e não é para menos, pois era uma velha aspiração deste bom povo, trabalhador e crente, que se orgulha de possuir uma das mais belas igrejas da arquidiocese, agora enriquecida com cinco novos sinos, para cuja aquisição todos, pobres e ricos, contribuíram da melhor boa vontade.

C.

## Carrazedo Oxigénio

Os bons nacionalistas espanhóis também querem respirar.

Madrid, 20. Com o título, «oposição, subversão e crítica» o diário católico «YA» escreve em artigo de fundo, que «uma liberdade de crítica é salutar a toda a obra do Governo...»

Assim o transcreve o jornal de Notícias do Porto de hoje.

O restantes comentários devem já ter sido apreciados na sua verdadeira profundidade. O tratamento e a cura dos doentes é com os especialistas e, se Portugal enferma pela vizinhança de qualquer mal que

## Santa Casa da Misericórdia EDITAL

António Carlos Rodrigues de Azevedo, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia do concelho de Amares:

Faço saber que nos termos do § 1 do artigo 27.º dos Estatutos desta Santa Casa de Misericórdia, convoco para o dia 12 do corrente, a Assembleia Geral da mesma Instituição para se pronunciar acerca das contas de gerência do ano findo de 1958, a qual terá lugar na sede provisória sita no Largo Doutor Oliveira Salazar desta Vila, pelas 14 horas.

Não comparecendo número suficiente de associados, funcionará a mesma Assembleia duas horas depois com qualquer número.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares públicos do costume.

E eu João Barbosa de Macedo, secretário, o subscrevi.

Amares e Secretaria da Santa Casa de Misericórdia, em 2 de Março de 1959.

O Presidente da Assembleia Geral,

António Carlos Rodrigues de Azevedo

## Maria da Luz Baptista

### Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 | TELEFONE, 3029  
—(S. VICTOR)— | —B R A G A—

é mantido em oxigénio, pode aproveitar o conselho do autor da notícia. Estamos recomendados como nacionalistas para nos preservarmos e procurar preservar os nossos doentes de moléstias infecciosas das que possam atingir uma Nação e até uma parte do Mundo.

A recomendação não chegará e o resto deve ser posto a circular a Bem da Nação, que a pequena imprensa tanto tem apregoado e só lhe resta o consolo de ser ouvida e acreditada.

Elisio Gonçalves

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—A menina Maria de Fátima R. Martins.

Segunda-feira—O Sr. Torcato dos Anjos Vieira e o Sr. Rev. mo Pe. Aveilino dos Santos Antunes.

Quarta-feira—O menino João Paulo Barbosa de Macedo e o Sr. Alberto da Rocha Barbosa.

## HUMORISMO

### Para férias

O Director do jardim zoológico saíra para férias. Poucos dias depois recebia uma carta:

—O nosso chimpanzé anda triste. Percebe-se que lhe falta um compenheiro. Que devemos fazer enquanto o Sr. Director não volta?



# TRIBUNA DE VIEIRA DO MINHO

## CARTA DE RUIVÃES

Tenho a impressão de que a minha última correspondência despertou certo ressentimento em pessoa desta freguesia, a quem nunca quis mal.

Não tem essa pessoa razão para tal ressentimento, já porque nunca fui seu inimigo — felizmente nunca fui inimigo de ninguém, mas apenas adversário — já porque, nessa correspondência, não o dirigi, fosse a quem fosse, agravo pessoal.

Verberar certas atitudes de carácter político ou social é uma coisa muito diferente de atacar ou diminuir a vida particular das pessoas.

O único e superior móbil que nos determinou a escrever o que veio publicado na última carta de Ruivães, foi o desejo que tenho de acabar com certas dissidências aqui existentes e de contribuir para a unificação e congregação de boas vontades, pois só com a união poderemos obter a força.

Quando se trata de pedir benefícios para uma terra, todas as bandeiras políticas se abatem e todas as vontades sinceras se congregam.

É isso o que pretendo, é nesse sentido que trabalho, doa a quem doer.

Deixemo-nos de igrejinhas políticas e de fracções de campanário, de que resulte apenas a consecução de vaidades insatisfeitas.

O nosso dever é unir, disciplinar, porque, como mui-

to bem disse Salazar, todos não somos demais para servir Portugal. E Ruivães é, creio-o, uma parcela de Portugal.

Pequena? É certo, mas foi vila, sede de um julgado municipal, e ainda hoje se podem contemplar o seu pelourinho e o seu antigo Tribunal, hoje escola primária desta freguesia.

E dada esta explicação sucinta, vamos ao que mais particularmente interessa.

Ruivães tem 2.600 habitantes, sendo a 2.ª freguesia, em importância populacional, do concelho de Vieira do Minho.

Desta terra saíram magistrados distintos e nunca os valores intelectuais de Ruivães envergonharam o berço do seu nascimento.

Pois não obstante o seu passado, o seu presente, Ruivães foi sempre esquecida.

Quanto a melhoramentos e benefícios, nada, absolutamente nada, que pese sensivelmente na balança.

Electrificam-se aldeolas, onde o consumo de energia não dá para as solas dos sapatos do electricista, e Ruivães continua condenada a ler e trabalhar à luz do pretóleo ou das aguças das abrótegas.

Telefone, é um instrumento de progresso de que aqui, apenas se conhece o nome.

Pois parece-me bem que ainda não foi organizado o processo, ou, pelo menos não foi enviado às instâncias com-

petentes o projecto respectivo, para se obter a participação do Estado, quanto a electrificação.

Eu não quero atacar ninguém, tanto mais que sou amigo do Senhor Presidente da Câmara; mas não quero que me venham com a desculpa de que a electrificação das freguesias do concelho é incompatível com os fundos de que dispõe a Câmara,

Isso não é argumento que convença.

Há direitos e benefícios que não se podem negar aos povos.

O Estado facilita às Câmaras a obtenção de empréstimos amortizáveis a longo prazo e com juros pequeníssimos.

O povo, que paga as suas contribuições, tem direito a ser compensado com aquele mínimo de benefícios que a evolução social impõe.

Parar, é morrer e fazer morrer os outros.

Nós temos, em Ruivães, de sair do marasmo de cruzar os braços, deixando que os outros progridam, ficando nós a olhar para o balão.

Nós queremos que se nos faça justiça, sem favoritismos, mas justiça oportuna, rápida, decidida.

Então, se nunca sobrar o dinheiro, Ruivães não teria direito a ter iluminação eléctrica, a ter telefone e a ter o que os outros têm?

Havia, noutros tempos, segundo reza a tradição, um barbeiro em Braga, já velho e muito matreiro, que afixou na sua loja profissional um letreiro, que dizia: «Amanhã, faz-se aqui a barba de graça».

Ora nós não podemos estar à espera, eternamente, do dia de amanhã, para nos ser feita a barba de graça.

Metamos mãos à obra, unidos, sem vaidades que só comprometem a dignidade da nossa causa, e trabalhe-mos todos desinteressadamente pelo bem da nossa terra.

Eu, por mim, darei o exemplo.

E agora, para finalizar, devo esclarecer que a minha última correspondência trazia gralhas de se lhes tirar o chapéu. Até a própria concordância sofreu da gripe.

A culpa não foi de quem reviu a prova, mas sim da má caligrafia do obscuro autor destas linhas.

A propósito: Sua Magestade, o Senhor D. Carlos de Bragança, certo dia em que foi, com a família, ao teatro, porque se sentisse indisposto da saúde, retirou-se mais cedo.

O camareiro do palácio, sabedor da hora a que o teatro terminava, foi para a pândega, levando consigo a chave do quarto do seu Senhor.

Sua Magestade, encontrando o quarto fechado, foi estender-se sobre um sofá.

Quando o camareiro che-

## SOBRE A MISERICÓRDIA

Continuação do 1.ª página

gados a deixarem que as suas colunas, se voltem como canhões, contra si e contra os seus.

Tínhamos, pois, de fazer as apreciações que fizemos à carta. Mesmo assim, sugerimos *ponto final*.

Não quizeram.

De quem é a culpa?

Reparem que uma coisa é certa, indubitável, e todos o têm reconhecido: é que a «Tribuna Livre» só se refere a problemas, princípios, doutrina, factos criticáveis, *mas nunca visa pessoas*.

\* \* \*

Agora, Senhor provedor, o seu caso:

Temos de insistir em que

gou, pediu muito perdão ao seu Rei, que lhe observou: «não tens que me pedir desculpa, rapaz. A culpa não foi tua, foi minha, que vim cedo de mais!»

Que belo contraste entre a atitude bondosa de um rei e os alcapões de certos «camaradas» à Russa!

Desculpem-me as poucas pessoas que me lerem, por tanto a maçã.

Bem sabem que recordar é viver. E quando falamos de um passado saudoso, a caneta desliza sem pedir licença à vontade.

Até breve, se Deus quiser.

A. C.

Neste momento, acabo de receber a «Tribuna Livre» de 28 do corrente, onde se lê a resposta a A. C., de Ruivães.

Pois esta resposta vai ter resposta à letra.

Não perde com a demora.

Amadeu César

## Grandiosa procissão de passos, em Sequeiros

Continuação da 5.ª página

### Súmula do programa geral

Dia 14: — Às 20 horas, soleníssima Procissão de velas com o andor do Senhor dos Passos, que será conduzido da capela do Calvário para a Igreja, seguindo-se a Hora Santa.

Dia 15: — Às 10 horas, missa cantada ao Senhor dos Passos.

Às 14,30 dará entrada, junto ao Cruzeiro, uma afamada banda de música. Às 15 horas, chegará um distinto orador sacro, considerado um dos melhores do Norte, começando logo em seguida o primeiro sermão. Findo este se organizará a magestosa procissão com o andor do Senhor dos Passos, em que tomarão parte além das várias

o que se passa na Misericórdia interessa mais aos de Vieira e sobretudo aos irmãos da Casa do que a nós.

Se quiser ter a certeza de que nesta casa há a preocupação de tratar as coisas com elevação, tenha a bondade de procurar-nos, pois de bom grado o poremos ao par do que cá chegou sobre alguns problemas relativos ao hospital, mormente quanto ao aparelhos de raios x, à alienação das casas de Braga e, até, sobre o ofício que a sua *carta* refere.

Olhe, Sr. Provedor: se eu dissesse aqui o que se passa sobre o decantado ofício, os leitores da «Tribuna Livre» espetavam-lhe em cima uma forte gargalhada. Até o sr. se ria...

Não há necessidade de gastar mais tinta com a Misericórdia. Todos, e o Sr. em primeiro lugar, sabem que não é a Misericórdia nem a sua Mesa quem tem certas responsabilidades. Todos sabem quem está por trás...

O problema é o mesmo de todo o concelho...

\* \* \*

Há uma coisa que o Senhor Provedor certamente é o primeiro a reconhecer: é que as sombras negras que aí andam por trás de tudo, até se foram meter atrás de si.

Por que é que o levaram a transgredir a própria diontologia jornalística e a publicar a sua carta no «Correio do Minho»?

Também sobre este ponto lhe podemos dizer coisas muito interessantes e elucidativas.

Procure-nos, que não perde o tempo.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

alguém aventou a ideia de cobrir-se a facos de madeira esta pedra sepulcral, página sempre viva da história da mesma igreja!!!

Contra uma tal impiedade, que felizmente não havia sido levada a efeito, o senhor abade de Caldelas sugeriu que se revestisse o chão a toda a volta com esses tacos, fazendo uma espécie de moldura; sobre esta pedra, concorrendo para poupar o desgaste da preciosa inscrição, com 374 anos, colocassem um estrado móvel, de madeira.

A torre, de notável altura, não fosse ela a da freguesia da Torre, mostra uma pequena lápide de mármore com os dizeres:

ESTA TORRE FOI MANDADA ACABAR POR JOSE MARIA DE SOUSA. FOI CONSTRUIDA POR JOSE RIBEIRO DE SOUSA EM 1896.

Altar-mór e dois colaterais, em barroco muito simples; à parte do Evangelho o do Coração de Jesus; da Epístola o de N. Senhora do Rosário.

Dispõe de uma confortável e ampla residência. Na cal da parede, sobre o caminho da igreja, tem desenhado um interessante «grafito» e por baixo a data de 1785.

Há nesta freguesia uma ermida dedicada a Santo Amaro, à qual o primeiro marquês de Montebelo vinculou certos rendimentos.

O «Livro de Santo Amaro, o qual servia para nele se carregarem os caseiros que pagavam as medidas da fábrica da capela, tem princípio em 1747 e, logo de começo lê-se: «Em hua taboa q. nesta Igr. a achei das obrigações de missas perpetuas que nella ha, entre outras achei o seguinte: Pela alma do instituidor (o marquês) da Capella de Santo Amaro, duas missas cada ano, hua dia Sam Felix (do seu nome) outra na oitava de natal, para o q. se pagão as medidas, etc.»

(Continua no próximo número)



# MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

Por ter saído com troca de textos, repetimos a parte já publicada no número anterior.

N.º 20

(CONTINUAÇÃO)

Até esse rosário de albufeiras, que se encadeia em seus limites e propicia o ambiente de serenidade e calma das águas em repouso, lhe empresta o cunho da paisagem helvética e aumenta de modo extraordinário, pela curiosidade e encantos, a concorrência de turistas e forasteiros.

Escreve Júlio César Machado na «introdução» ao livro de Ramalho—*Banhos de Caldas e Águas Minerais*—que «a vida moderna faz doenças novas que encontram alívio no descanso e na distração» e, na verdade, é tão acertado o juízo desta asserção que nem carece de comentários.

E, em tal persuposto, quem quiser retrair-se temporariamente do bulício atordecedor do mundo moderno, a retemperar os nervos e o cérebro das lutas da vida e das fadigas mentais, onde é que poderá encontrar maior sossego que aquele que a própria natureza infunde neste soberbo isolamento das serras, que lhe servem de muralhas, e sempre foi apeteçido de poetas, prosadores e artistas?

\* \* \*

Pelas moedas de Galiena e Constácio encontradas no local, em 1897, está hoje provado que os Romanos experimentaram o poder destas águas medicinais, o que já era aceitável, vista a grande importância que dispensaram a tantas outras dispersas pela península e nas quais deixaram seus notáveis monumentos.

Aqui, porém, procurou-se atribuir a origem do nome da serra ao facto de brotar dela *aqua* quente—seria *jurea* (e não *jureus* de que poderia deduzir-se *Jurês*, como ainda hoje pronuncia o povo) a não ser que optassem por *liquor*, termo masculino, hipótese pouco provável, porquanto desse longa data ficou a expressão consagrada *aquae calidae*—águas quentes.

Tude de Sousa fundamenta a mesma opinião, estribado na curiosa intervenção do ilustre sacerdote que foi o cónego, doutor António Pires Dias de Freitas, da casa do Passadiço, em Covide, que conclui pelo subentendimento àquele adjectivo, de *mons*—monte quente; só por muitíssimo favor de libérrima tradução—«monte de onde brota água quente».

Logo depois, e em abono do seu parecer, o mesmo autor cita alguns tratadistas da antiguidade, como Bernardo de Brito: *O Gerez, chamado dos antigos Jureum...*; André de Rezende: *Maramum, Juresum et Murum...*; Rafael Bluteau... e deduz que a forma de expressão do povo é efectivamente a mais acertada.

Entretanto, poderia acrescentar a estes o testemunho das «Memórias Geográficas e Históricas da Província de Entre-Douro e Minho»: *inde* per cacumina Junesii...; bem assim o «De Antiquitatibus... de Argote:

*De monte Giresio et ejus descriptione... Giresium* e foi este o que prevaleceu na linguagem erudita—Gerês.

Naquele mesmo plano de *aquae calidae*—águas quentes, caldas, está sem dúvida o caso de *rivus calidus*—rio caldo, fenómenos de uma normal evolução fonética; porém, o étimo de *Jurês* ou *Gerês* é questão quase indestrinçável, porquanto os termos latinizados *Jureum* ou *Juresum* e *Giresium* provêm de adequada retroversão e não de versão que deles se fizesse para português.

Demais, considere-se:

Estariam os Romanos, povo aliás inteligente e observador, perspicaz como a águia que usava por símbolo, à espera de descobrir as terras para baptizar um acidente de primeira categoria como era o grande massiço, o mais importante de toda a Galécia ou Galiza?

Não lhe teria desde logo sido imposta uma denominação, da natureza e origem de seus primeiros povoadores, como aconteceu a toda a vasta província, quando esses primitivos povos celtas da Gália vieram habitá-la?

Pela mesma ordem de ideias, que em toda a terra que os romanos vieram dominar encontraram os *Galaicos*—aqui, particularmente nesta região, não estariam estabelecidos os *Jurenses* oriundos dessoutra parte da mesma Gália—a cordilheira do Jura—os quais, trocando, como seria natural, pendores por pendores da montanha, mais facilmente apagariam saudades de uma pátria tão semelhante, situada nos confins da França com a Suíça?

Sabe-se, especialmente por confissão de Plínio, que estes galaicos ou brácaros, que habitavam a serra, foram muito difíceis de conquistar. Ainda por demais, tinham a favor da sua defesa as densas florestas de carvalhedos multisseculares; escondiam-se nos troncos dessas árvores carcomidas e daí faziam as mais inesperadas sortidas contra as legiões de Bruto.

(Continua no próximo número)

## Tribuna Desportiva

### Vaticínio

A três jornadas do fim da prova e ainda não está apurado o campeão. Agora apenas dois clubes estão ao alcance do título, Benfica e F. C. Porto, estando aquele, como é natural, em melhor posição para o conseguir. Das três jornadas que faltam, o Benfica tem dois jogos na sua casa, fáceis, e um difícil em Alvalade. Por sua vez o F. C. Porto, tem dois jogos difíceis fora do seu ambiente (Barreiro e Torres Vedras) e apenas um em casa que vencerá com certeza. Passando o obstáculo do próximo domingo, os azuis-brancos aguardarão serenamente o desfecho do prélio Sporting-Benfica que se disputa em Alvalade. Os encarnados possuem equipa para vencer em Alvalade, mas não devem esquecer, não o esquecerão com certeza, que há 3 épocas, salvo o erro, os leões levaram «porrada» de toda a gente, mas desfeitearam o Benfica e o F. C. Porto em casa.

Estes jogos são assim. Quando medem forças equipas grandes, poderá uma estar superior à outra que o resultado é sempre uma incógnita. Nos últimos postos, nada está resolvido. As coisas complicaram-se no passado domingo e no momento ainda há bastantes clubes em situação aflitiva. Aguardemos a próxima jornada e com ela mais qualquer esclarecimento com vistas à classificação final.

No próximo domingo temos os seguintes jogos.

*Em Braga*, o Sporting local volta a jogar em casa; desta vez com o Torriense. Os minhotos vão defrontar uma equipa que procura todos os meios para fugir aos últimos postos e por isso terá que lutar para vencer. Mais calmos, pois a sua situação não é para preocupações de maior, os donos do campo vencerão: *Braga 3, Torriense 1*.

*Nas Caldas*, o Guimarães vai até às Caldas, para defrontar o grupo local. Animados pela maravilhosa vitória alcançada fora do seu terreno, os caldenses tudo farão para vencer este encontro. Os vimaranenses são adversários de respeito e no momento nada tem a perder, o que de certo modo facilita a sua missão: *Caldas 1, Guimarães 0*.

*Em Coimbra*, os estudantes que como já vai sendo habitual fizeram vida cara aos Leões em Alvalade, recebem no domingo que se avizinha a Cuf. A turma escolar, necessita de uma vitória e estamos certos que a conseguirá: *Académica 2, Cuf 0*.

*Na Covilhã*, os serranos recebem o papá Sporting que não estão a jogar dentro das suas possibilidades.

Trata-se de um jogo em família, mas o filho com grande responsabilidade. O que resultará esta luta entre leões? Talvez isto: *Covilhã 1, Sporting 0*.

*Na Luz* o Benfica recebe o Lusitano. Estamos certos que os encarnados não deixarão que os evorenses se adiantem na marcação de golos e vencerão a partida. O jogo, se fosse efectuado há jornadas atrás, diríamos que era fácil para os homens da Luz, mas nesta altura em que tudo queima os últimos cartuchos, todo o cuidado é pouco, para se não apanhar um susto. Vaticínio: *Benfica 3, Lusitano 0*.

*No Restelo*, o Belenenses recebe a equipa de Setúbal. Os azuis, um pouco abatidos com a pesada derrota sofrida no passado domingo, já não entrarão no campo com aquele avon-

tade das jornadas anteriores. No entanto os setubalenses, embora por muito boa vontade que ponham na luta, não evitarão a derrota: *Belenenses 3, Setub. 0*

Finalmente o jogo mais importante da jornada-Barreirense—Porto. Se olharmos ao valor das duas equipas fácil é vaticinar uma vitória nortenha, mas a verdade é que nestes jogos disputados em campos pelados e em ambiente desfavorável é sempre difícil vencer, tanto mais que se trata de um Barreirense aterrorido, em posição muito melindrosa, portanto com necessidade extrema de vencer. Aos nortenhos, só lhe interessa a vitória, pois só com ela poderão alimentar esperanças para o jogo da penúltima jornada em Alvalade.

Ambas as equipas tem necessidade de vencer embora com interesse diferente. Jogo muito difícil para o F. C. Porto, mas mesmo assim estamos certos que vencerá.

*Barreirense 0, Porto 2*.

E pronto, até domingo se Deus quiser.

Manuel Janela.

## CARTAS DA CIDADE

Continuação da 1.ª página

de facto tem provado ser alguém, que permaneça; quem está activo e vigilante, que continue.

Muito menos estejas a pensar que pretendo subir (Ai o meu reumatismo!). Eu não pretendo nada disso, até porque nunca gostei de ser estorvo a ninguém.

Ora, pelo costume, não deve faltar por aí quem se julgue fadado para resolver tudo, depressa e bem, quando lá estiver. Podem eles não acreditar em Deus nem no Evangelho; não deixarão, porém, de converter as pedras em pão e a água em vinho ou electricidade. Aquilo só visto! E visto pelo «Canudo de Braga», então...

Do que eles, com certeza absoluta, terão muita pena—muita e permanente—é dos pobres.

Não se falará mais na Caridade (Catixal, que cheiro a Idade Média!); cada português terá tudo resolvido: é só pegar e andar! Os coxos andarão sem muletas; os cegos não precisarão de óculos; os doentes, com caixa ou sem caixa, não receberão apenas injeções e serão operados antes de morrerem, e os internos jamais se verão obrigados a tomar leite sem açúcar. Tudo vai ter solução, e até os partos serão todos sem dor...

Mais: Como todos terão direito a uma casa (agora também têm, não é?), eles, a princípio, enquanto as casas se forem fazendo, irão todos morar em S. Domingos, no Carandá (com ou sem saneamento), e nas Palhotas (a *perfumada* Avenida Artur Soares), e os pobres irão morar nas casas deles, dos tais que muito querem mudanças, a bem do Povo, (quem muda

Deus o ajuda—e todos eles são muito rezadores).

Meu caro Manuel Pintor: Como o Mundo vai marchar, não te parece?

Só é pena que ainda não marche, a todo o gás. Talvez muitos—de lá e de cá—pudessem iniciar esta marcha, imediatamente.

A galinha cacareja, depois de pôr o ovo; eles cacarejam antes, e por nada, e ainda por cima são capazes de dar casca, por causa desta nossa conversa. Verás. Tu verás, Manuel.

E vou terminar. Espero que, desta vez, não me chames pessimista (ou qualquer outro nome feio terminado em ista, como é moda agora).

A propósito: No verão passado, o João e o Joaquim (os meus primos da Ponte, lembra-te?) foram passar um domingo à Falperra.

À cautela ou por hábito, levaram cada seu garrafão, cheinhos. Ao terminar da tarde, cortaram uma vara de mimosa e vá de medir a altura da pinga. Os garrafões estavam iguais: iam a meio, mais ou menos. E diz o Joaquim: O meu já está meio! E diz o João: O meu está meio, caramba.

Maneiras de dizer, apenas.

O vinho era o mesmo, porque os garrafões, sonda da mesma medida, ambos iam a meio. Percebeste? Continua lá a ser optimista, mas vê se me perdes essa mania de dizer mal do meu pessimismo. Nem todos podem ser Joões.

Quê? Não percebes nada? Olha que eu também não. Pelo menos, não te posso explicar melhor, por escrito. Aparece e conversaremos.

Todo teu,  
Selva Júnior



## O Sentido da nossa Colaboração na Política

Continuação da 2.ª página

Se as coisas se passaram assim, não sei bem, embora sinta tendência para crer que sim.

Resultado?

Esse ilustre responsável creio que vai ser também responsável por outras coisas: continuará o País à espera, o País católico, porque à muito quem a não queria.

Nem foi fundada cá nem lá. E parece que, o responsável ou responsáveis, até pela ida-

de, estão à espera que Deus os leve para depois, lá no Céu impretarem de Deus que nos auxilie a funda-la e nos suscite mestres católicos e sábios prudentes para nela ensinarem.

\* \* \*

Não. O que nós precisamos é de pôr de parte velhos sistemas e formas de encarar a solução dos problemas e agir. Sim, Agir.

## CICLISMO

### 2.ª Prova de Iniciação

Promovida pelos Leões de «A Modelar», realiza-se no dia 15 do corrente a prova em epígrafe, com o itinerário: Feira Nova, Amares, Ponte do Porto, Adáufe, Confeiteira, Palmeira, Ponte do Bico, Rendufe, Caldelas, Portela, Besteiros, Feira Nova, Amares, Ponte do Porto, Adáufe, Confeiteira, Ponte do Bico, Rendufe, Carrzedo, Feira Nova, Meta.

A inscrição continua aberta até ao dia 9. As equipas inscritas são a C.C. Aldoare. Leões de «A Modelar.»

Esta corrida está a desper-

tar muito entusiasmo e além da medalha da Federação para o primeiro classificado, ofertaram mais de uma dezena de prémios as seguintes firmas comerciais:

Leões de «A Modelar»—Joaquim B. Macedo, José Joaquim Leite, Drogaria Menal, Farmácia M. Rego, D. Silva, de Sangalhos, Armazens da Feira, Talho Edíl Rendufe, A Petisqueira, Casa Alvaro Gomes, A Modelar, Joaquim José de Macedo, João Gualberto Macedo, Macedo & Filho, António Dias Paredes, Artur da Cunha Cruz, Domingos José Dias, Mário António Ramos de Azevedo, (Feira Nova.)

Miguel G. Fernandes e Farmácia Pinheiro Manso, (Amares).

## As Festas do Concelho

### E O FERIADO MUNICIPAL

Continuação da 1.ª página

Nestes três dias de festa rija, em que a união religiosa se mistura um pouco com as coisas profanas, mas dentro daquela medida e daquele limite que o senso popular sabe impor aos instintos humanos pelo freio da relegião, reina alegria, ruído, festa em que o arrulho dos namorados que se encomendam ao Santo, se misturam com as melodias das bandas musicais, ou se perdem na estridência dos altifalantes e na detonação dos foguetes.

O Largo da Feira Nova, coberto de galas, o templo febrilmente iluminado e ricamente aseado, afina com os trajes garridos das lavradeiras e dos grupos folclóricos e com as sinceras manifestações de alegria que tonifica os nervos e expulsa os ruins pensamentos.

Festa rija e festa sã, é o que a briosa Comissão desde já prepara, com maior brilho do que nos anos anteriores, em contínua ascensão.

A elevação das festas à categoria de Concelhias acarretou certa responsabilidade aos seus organizadores e com as medidas que estão a ser tomadas pretende-se projectá-las ao nível que esta responsabilidade impõe.

Nesta conformidade, estão já contratadas para os apreciadores de boa música, a banda espanhola «La União de Lantano», conjunto de grande mérito, para se defrontar com a excelente Banda de Riba d' Ave, sem esquecer a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares que também abrilhantará as festas

com o seu valioso reportório.

Outro número de cartaz será o Grupo de Santa Marta de Portazelo, se o contrato já firmado não for prejudicado pela ida deste grupo, a França, na data respectiva. Com efeito, esta será a estrela que brilhará entre os grupos convidados para o Festival Folclórico de 1959.

Não poderia também deixar de merecer especial relevo a parte desportiva, visto que este ano a Comissão das Festas é em grande parte constituída pelos membros do Futebol Club de Amares, como se verá oportunamente.

Tudo se coaduna, como desde já se vê, para estruturar, definitivamente, o que se pretende que sejam as Festas Antoninas de Amares que a Exma Câmara elevou à categoria de Concelhias, dentro do melhor espírito de justiça, por proposta do vereador, Senhor Artur Manuel da Cunha, que também propôs, com igual aprovação, que o dia 13 de Junho passasse a ser considerado feriado municipal, visto o dia 15 de Agosto, dedicado a Nossa Senhora da Abadia, ter sido elevado à categoria de feriado nacional, o que nos privou do feriado concelhio.

São medidas inteiramente justas, pelas quais nos vimos batendo desde 1956, como poderá ver-se de um artigo incluído no número especial dedicado às Festas de Santo António, mas que, como muitas outras coisas, não produziu

## Jesus vivo e crucificado na sua Igreja

### — Os estigmas do P.e Pio Pietrelcina

O caso vem de há 41 anos. Multidões de crentes e descrentes abeiraram-se do estigmatizado para se certificarem.

A Igreja ainda se não manifestou, mas segue atentamente os acontecimentos, tendo apenas autorizado que Pascal Parente publicasse um relatório sobre a vida e os estigmas do Padre Pio, onde colhemos estas notas.

Antes de mais é de esclarecer que a Sagrada Teologia define o estigmatização como sendo «um fenómeno místico que consiste na impressão das Chagas do Corpo de Cristo noutro corpo humano, de forma visível ou invisível».

A ciência médica tem-se curvado perante os factos. A história regista-os como verídicos.

O mais conhecido foi o caso dos estigmas de S. Francisco de Assis; e mais recentes são os de Teresa Neuman e estes do Pe. Pio. Porém, no século XIX registaram-se 29, e o Dr. Imbert descreve-nos 321 casos idênticos e historicamente admissíveis.

Até há bem pouco tempo falava-se e discutia-se muito de um outro caso idêntico passado em Balazar—Póvoa de Varzim,—e sobre o qual a Igreja manteve a mais absoluta reserva.

Tem havido casos falsos, baseados em doenças psíquicas, em vaidades ou hipocrisias...

Os factos verdadeiros provam-nos à evidência a santidade da Igreja e atestam que Jesus vive nela e nela está crucificado até ao fim dos séculos.

\* \* \*

Mas relatemos o caso em epígrafe.

Foi em 20 de Setembro de 1918. O bondoso Pe. Pio Pietrelcina encontrava-se recolhida em absoluto silêncio, dando acção de graças deante de um grande crucifixo numa igreja monacal. De repente viu penetrar em si cinco raios luminosos, vindos das cinco chagas de Jesus crucificado.

Caiu inanimado, tal foi a alegria e a dor sentidas. Sangrando como Jesus, das chagas das mãos, dos pés e do peito, desmaiou. Assim o encontraram o Superior da comunidade e o Irmão Nicola,

eco que demovesse a má vontade da Câmara de então.

Não nos queremos alongar, mesmo porque será necessário continuar a falar das Festas em sucessivos esclarecimentos, feitos com mais precisão, à medida que se for aproximando a data festiva.

Damos desde já os nossos parabéns à Digna Comissão, que deve ser ajudada sem reserva; e louvores ao Vereador Proponente e à Ex. Câmara.

EME

que rapidamente o conduziriam à cela.

Mas tudo leva a crer que este fenómeno já vinha de longe, pois em 1915, no mesmo dia 20 de Setembro, o Pe. Pio sentira pela primeira vez dores horríveis nas mãos e nos pés—e desde então nunca mais lhe passaram!

Em face do fenómeno o estigmatizado foi recolhido, em 1919, no Mosteiro de N.ª Sa. da Graça, em Giovanni Rotondo—pequena povoação italiana—para melhor recuperar a saúde, ou morrer calmamente na paz do Senhor.

O capuchinho atraía as atenções dos seus superiores.

Impressionavam aquelas feridas persistentes e simetricamente localizadas, deixando ver a alma do estigmatizado!

O sofrimento do capuchinho vai aumentar com os estudos e verificações da alta medicina.

O primeiro cientista é o Doutor Romanelli de Bartetta, que trabalha afincadamente durante dois anos para conseguir a cura daquelas chagas—notadas como nódoas escuras no lugar dos estigmas. Nada consegue. Limita-se a dizer que não pode explicar cientificamente porque é que as feridas do Pe. Pio não têm cura nem se infectam...

O venerando fradinho é já objecto da crença e devoção do povo. É procurado e invocado.

Havia que persistir-se no estudo científico. Vem agora o Professor de Patologia na Universidade de Roma; Amico Bignami—tão sabedor como incrédulo. Após um estudo aturado, baseando-se na teoria da necrobiose, explica o facto «como neuro-

se da derme e da epiderme»—mas a sua alta capacidade não consegue explicar a posição simétrica e o estado estacionário daquelas feridas...

Aquelas manchas na pele (como lhes chamava a ciência médica) não eram bem acreditadas como estigmas, mas sim originadas do sistema nervoso, e por isso, supostas como histério-estigmas. Mas a curiosidade e os estudos aumentam de intensidade.

Em Outubro do mesmo ano de 1919 aparece outra autoridade médica, o Doutor Festa. Antes de se dirigir ao doente, estudou cuidadosamente os relatórios dos colegas precedentes. Analisa depois moralmente o Pe. Pio, considerando aquela doença como uma pesada cruz que o doente suporta com toda a doçura e humildade!

São passados mais cinco anos. O Doutor Festa, em colaboração com seu colega Romanelli, examina de novo o Pe. Pio e declara que aquelas cinco lesões podem considerar-se como autênticas lesões anatómicas dos tecidos.

Todavia—esclarece—apresentam características estranhas à anatomia, tais como: —fluxo do sangue roxo, persistência e disposição semelhante às de Jesus Crucificado... e portanto só explicáveis pela Omnipotência Divina!

Seguiu-se o Pe. Gemelli, doutor em medicina, que classifica o caso como histério-estigmas. É rebatido por Babinski, Dujerine e Pierre Janet, todos eles neurologistas de nomeada.

(continua no próximo número)

B. Ribeiro

## Grandiosa procissão de passos

em Sequeiros; no próximo dia 15 do corrente

Sequeiros possui um rico Calvário que ultimamente foi restaurado, tendo uns devotos oferecido novos vestuários completos às formosíssimas imagens (Senhor dos Passos e Sua Santíssima Mãe). Um grupo de fervorosos devotos acompanhados pela restante freguesia, resolveram lançar-se na arrojada iniciativa de no próximo dia 15 levar a efeito uma riquíssima e imponente procissão dos Passos (o que nunca se fez, apesar de este ano se passar o 60.º aniversário da criação do Calvário)

Para que seja feita, uma procissão, com todos os pormenores e detalhes, a comissão não se tem poupado a esforços e resolveu que fossem convidados para dirigir e orientar a procissão elementos de valor da cidade de Braga, que tem orientado e tomado parte nos mesmos actos na cidade. A comissão, espera, pois, com a ajuda de Deus e se o tempo permitir, levar a efeito uma magestosa e imponente procissão, como poucas vezes se fará feito no concelho.



Continua na 4.ª página